

Tradição militar ocidental clássica: a manobra envolvente nas batalhas de Gaugamela e Zama*

Henrique Modanez de Sant'Anna**

Resumo

Este artigo analisa a tradição militar ocidental clássica, a partir de relações estabelecidas entre as batalhas de Gaugamela e Zama, tendo como fio condutor o estudo acerca das diversas ressignificações da manobra envolvente como estratégia desenvolvida em ambiente de cultura ocidental.

Palavras-chaves: Ocidente, envolvimento sistemático, Gaugamela, Zama.

Abstract

This article analyses the western classical military tradition to leave from connection among the Gaugamela and Zama battles. This research is lead from the investigation upon the various adaptations of sistematic envelopment, strategy development in the western culture.

Key words: Western, sistematic envelopment, Gaugamela, Zama.

Existem algumas maneiras de analisar a tradição militar ocidental clássica. Uma delas é, sem dúvida, constituída pela atenção dada a três elementos centrais: 1) a especificidade da máquina de guerra helênica a partir da constituição das cidades-estado na Grécia arcaica (entre os séculos VIII a.C. e VI a.C.); 2) a construção macedônica de um exército integrado (que foi fruto da

* Este artigo é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado sobre os limites do "modelo ocidental de guerra", sob orientação da professora Dr^a Ana Teresa Marques Gonçalves.

** Discente de pós-graduação (mestrado) do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

fusão de duas tradições militares nascidas e desenvolvidas em realidades diferentes do mundo antigo); e 3) os diversos momentos de transformação da legião romana (organização do exército cívico, profissionalização do exército em 102 a.C. e contribuições táticas e de efetivo vindas de outros povos). Tal abordagem é a mais comum entre os estudos militares da Antiguidade Clássica.

Outro modo de análise se faz por meio do estudo das estratégias militares utilizadas enquanto planos para obtenção da vitória em diversas batalhas, partindo do pressuposto de que essas estratégias são parte integrante dos quadros de significação (entendidos como cultura) de um grupo (os oficiais romanos ligados a Cipião, o Africano ou os romanos da península itálica do século III a.C., por exemplo). Deve ficar claro que as duas possibilidades apresentadas são escolhas distintas, mas que só podem existir enquanto propostas minimamente razoáveis se forem consideradas em relação.

No momento atual da produção do conhecimento histórico, em que todo posicionamento é entendido como defesa de interesses e que um enunciado que se pretende "desinteressado" é, no mínimo, "desinteressante" (por ignorar a prefiguração poética de qualquer estratégia argumentativa, como já demonstrou Hayden White)², a posição assumida e os pressupostos esclarecidos previamente são condições necessárias para a pretensão de uma produção de sentido que seja eficaz e coerente. Portanto, a operação compreensiva da tradição militar ocidental clássica será elaborada neste estudo pela ênfase na investigação das estratégias utilizadas em Gaugamela e Zama, relacionadas por meio da manobra envolvente, enquanto conhecimento bélico re-significado continuamente por diversos comandantes antigos, como por exemplo, Alexandre, o Grande, Aníbal Barca e Cipião, o Africano.

Estratégia, tática e técnica

Estratégias militares são planos elaborados para a obtenção da vitória em confronto armado e difere, conceitualmente, de tática

² A prefiguração poética segue a escolha entre quatro modos lingüísticos. São eles: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia. Para a distinção entre eles, ver WHITE, Hayden. Meta-História. São Paulo: Editora da USP, 1995.

e técnica. Seguindo a argumentação de Arther Ferrill, táticas são possibilidades de ação estratégica e estão, portanto, ligadas muito mais à capacidade de atuação de uma ou outra tropa perante um tipo específico de oponente e de terreno, do que propriamente às escolhas de movimentação do comandante maior do exército (FERRILL, 1989: 7).

Dentro de um grupo de francos do século IX pesadamente armados, por exemplo, que desempenhavam uma função tática de choque frontal e atuação em formações cerradas, existiam infinitas formas de ação possíveis para essa tropa, em uma batalha. Sua combinação com outras formas de ataque ou defesa, com outras tropas com a mesma função tática ou não, é denominada estratégia.

No que se refere à técnica, a situação é mais simples. Não se pode comparar tecnicamente um grupo com funções táticas distintas de outro grupo. Técnica é a capacidade de execução de uma função tática. Entre o grupo de francos, seguindo o exemplo acima, com certeza existia um infante mais habilidoso e/ou capacitado que outro no manuseio do espesso escudo de madeira. O manuseio das armas disponíveis e as formas com as quais eram feitas são enquadrados como técnica.

A manobra envolvente

A partir da elaboração conceitual do que vem a ser estratégia, torna-se necessário refletir sobre o recorte estratégico feito neste estudo. Somente depois de uma breve reflexão sobre o que possa ser a manobra envolvente, é que podemos seguir para a análise dos casos de Gaugamela (331 a.C.) e Zama (203 a.C.).

Existem muitos modos de execução da manobra de envolvimento, todos dependentes da diversidade das tropas, das possibilidades oferecidas pelas condições do terreno e tempo, da capacidade de movimentação das unidades e da participação do comandante no momento inicial e dramático da manobra. O momento inicial é claramente dramático porque é nele que se define de fato se o inimigo irá ser atraído (no caso de uma manobra envolvente inicialmente regressiva), ou mesmo suportará a pressão nos flancos (no caso da manobra constantemente agressiva). As

duas possibilidades dizem respeito à ação estratégica direta, que visa, preferencialmente, o choque frontal e tem o objetivo de aniquilar por envolvimento sistemático.

O envolvimento sistemático é parte integrante de um certo pragmatismo bélico da cultura do Ocidente, que constitui juntamente com a preferência pelo choque frontal, com o desejo da batalha decisiva (ligada obviamente ao choque frontal e à aniquilação das forças centrais do oponente), com a vontade de marcar uma separação clara entre aliado e inimigo, e com a disciplina de delimitar com precisão o tempo da guerra e o da paz, o "modelo ocidental de guerra", tese defendida pelo historiador Victor Davis Hanson em suas obras "O modelo ocidental de guerra" e "Por que o Ocidente venceu".

A manobra envolvente é, então, um processo de envolvimento sistemático característico da forma de guerrear do Ocidente.³ É um conjunto de movimentações táticas pré-estabelecidas que visam induzir um tipo de deslocamento espacial do inimigo, com a finalidade de envolvê-lo e aniquilá-lo por completo.

Porém, devemos ressaltar que esta racionalização do envolvimento, embora tenha sido desenvolvida no Ocidente, deve muito à tradição militar que se desenvolveu no Oriente Próximo, característica dos persas e que tem como ênfase a utilização da cavalaria em larga escala e a utilização de grande número de arqueiros. Tal tradição, que possui precedentes no Egito e povos mesopotâmicos (FERRILL, 1997: 38), recebeu um retrato caricaturado pelos helenos, que zombavam dos "covardes cavaleiros" e dos "medrosos arqueiros", ambos temerosos por combate frontal com os "destemidos" soldados gregos. Esta dicotomia encaminhada pelos gregos antigos gera um problema historiográfico atual de reconhecimento de um diálogo cultural (mesmo que feito pela guerra) na formulação da manobra envolvente, como sendo uma das mais eficientes estratégias militares elaboradas no mundo antigo. Isto significa dizer que o envolvimento sistemático desenvolvido por Filipe da Macedônia, e

³ Como os gregos constituem a base do 'modelo ocidental de guerra', o hoplita passa a ocupar uma posição de equidade com o filósofo, no que se refere a constituição do que se convencionou chamar de cultura ocidental.

posto em prática de forma ampla por seu filho Alexandre, só poderia de fato ter ocorrido em uma cultura como a ocidental (pragmática, disciplinada - valorizadora da coesão das tropas - e que prima pelo choque frontal), mas que seria impensável sem a notável contribuição de uma tradição militar não-helênica, enfática em suas ações estratégicas indiretas.

As batalhas de Gaugamela e Zama

Seguindo as preocupações com relação ao conceito de manobra envolvente como estratégia formada a partir da fusão da tradição helênica de combate com a tradição que é característica de um Oriente Próximo - que tem seus precedentes nos modos de guerrear dos egípcios e dos povos mesopotâmicos (em especial dos assírios), passemos aos exemplos das batalhas de Gaugamela e Zama.

A batalha de Gaugamela, ocorrida em 331 a.C., representou o momento em que Alexandre dirigiu suas forças ao coração do Império Persa (após as batalhas preliminares de Granico, Isso e Tiro) e se deparou com o exército do Grande Rei disposto em posicionamento agressivo, estabelecido na planície artificialmente nivelada da "casa do camelo". Gaugamela favorecia as manobras com a cavalaria e era uma boa oportunidade para que Dario pudesse utilizar seus carros de guerra, assim como representava chance inigualável para que Alexandre realizasse a manobra envolvente com excelentes incursões de cavalaria.

Ao início do dia, com o numeroso exército de Dario desgastado por ter permanecido em guarda durante toda a noite, Alexandre adotou uma estratégia que tinha por objetivo expor o Grande Rei e seu esquadrão real a um ataque direto. Desse modo, o rei macedônio moveu a Companhia de Cavaleiros (tropa montada de elite do exército macedônico) obliquamente à direita, causando uma preocupação com a inicial tentativa de envolvimento e obrigando Dario a mover sua ala esquerda composta de cavalaria báctria (sob comando de Besso) para fazer frente aos cavaleiros macedônicos deslocados do centro da batalha.

Com o leve avanço da falange macedônica (cumprindo a finalidade de não se afastar tanto a ponto de gerar isolamento)

acompanhando o ataque dos cavaleiros mercenários de Menidas e depois de Aretas à ala deslocada dos báctrios, Alexandre pode, por meio de um combate de cavaleiros, derrotar a ala esquerda do exército de Dario e gerar uma brecha à esquerda do esquadrão do Grande Rei que, no momento do embate montado, enviou contra a falange macedônica seus carros de guerra.

Os arqueiros macedônicos souberam inutilizar boa parte dos carros persas com seus projéteis, e as manobras da falange não permitiram que o pânico tomasse conta da infantaria ao entrar em contato com os carros de guerra (ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, III, 13), fazendo os mesmos irromperem no espaço aberto, entre as fileiras de infantes.

O momento de fracasso da utilização dos carros de guerra persas, aliado ao colapso na ala esquerda do exército de Dario provocado pela derrota da cavalaria báctria, incentivou o Grande Rei a fugir diante da investida da Companhia de Cavaleiros ao centro do inimigo, onde estava o comandante Codomano, exposto não só ao ataque realizado pelo próprio Alexandre, como também ao avanço frontal da falange armada com milhares de sarissas.

O momento crítico da batalha (ao menos no que diz respeito ao desfecho da mesma por Alexandre) representou a dúvida em perseguir Dario (que havia batido em retirada rumo a Arbela) ou auxiliar a ala esquerda, sob comando de Parmenio, que havia sido atravessada e exposta a ataques laterais por grande número de cavaleiros persas e indianos, situação esta provocada pela brecha aberta entre a falange central (que avançou para suprir proteção à ala esquerda de Alexandre, bem como assegurar sua retaguarda). O perigo de envolvimento fez com que o comandante macedônico optasse pelas "operações de auxílio" (WARRY, 1991: 66), dando a volta com sua vitoriosa cavalaria e indo de encontro à ala esquerda, sob comando de Parmenio. As cavalarias persas e indianas hesitaram em continuar atacando Parmenio, provavelmente devido às notícias da fuga do Grande Rei.

Ironicamente, a cavalaria persa que bateu em retirada, ao invés de insistir contra os homens de Parmênio, se chocou com a Companhia de Cavaleiros, causando, sem possibilidade de preparativos estratégicos, uma batalha sanguinolenta, na qual todos os cavaleiros foram submetidos a um grande risco de morte:

"sendo que cada um se esforçava por abrir caminho por si mesmo, prestes a dar e receber golpes, vendo que esta era a única via de salvação possível, como gente que combate não em uma luta que beneficia a outros, mas sim por sua salvação própria e pessoal" (ARRIANO, Anábasis de Alejandro Magno, III, 15).

Após a batalha de Gaugamela, que resultou em grande derramamento de sangue e enorme baixa de contingentes para ambos os lados, o exército Persa nunca mais combateu o avanço de Alexandre, senão em forma de pequenas resistências, fruto de usurpações e revoltas de poderes locais.

Este caso é interessante não apenas pela magnitude de seu significado no que se refere ao avanço ocidental em direção a um mundo de certa forma incompreendido, que foi capaz de promover encontros e desencontros (aceitação de costumes persas e resistência a valores estranhos, por exemplo), mas também pelo fato de que a manobra envolvente se mostrou como porta de entrada para a execução de uma movimentação ousada, e que foi nada mais do que um desdobramento do envolvimento sistemático.

A manobra envolvente foi de fato adaptada pelo Ocidente a cada contexto de forma pragmática, mas que levava sempre em conta uma estrutura lógica de compressão pelas alas e de choque frontal com o inimigo submetido ao processo de envolvimento. O desdobramento desta manobra ocorrido em Gaugamela acompanha a sofisticada batalha de Zama, no que tange às diversas revitalizações do princípio lógico desta estratégia.

Zama faz parte da segunda guerra púnica, complexo de batalhas em que Aníbal promoveu grande derramamento de sangue (como em Canas) e chicoteou o imaginário romano com seus elefantes e estratégias eficientes. Sabemos que o comércio ocorrido

⁴ Parada, Miguel B. Educación y pobreza: una relación conflictiva. In: Pobreza, desigualdade social y ciudadanía. Los límites de las políticas sociales em América Latina. Buenos Aires: Clasco, 2002, p. 65-81.

no Mediterrâneo possibilitou o contato entre cartagineses e romanos, mas o que tornava Aníbal Barca tão temido e perigoso? A resposta é aparentemente simples. Os Barca (inicialmente Amílcar, pai de Aníbal) foram estudiosos das campanhas de Alexandre Magno.

Tal resposta é aparentemente simples por que podemos pensar que, se a manobra envolvente foi tão eficiente nas mãos de Alexandre (por mais que se queira encará-lo como herói ou coisa do tipo), ela obviamente seria suprema nas mãos de qualquer outro que pudesse compreender seu funcionamento. Acontece que o halo de invencibilidade que rodeou a falange macedônica, como sendo um melhoramento técnico da forma helênica de combate, obscureceu a função vital da cavalaria na manobra de envolvimento. Reduziu-se a participação de cavaleiros e exagerou-se na utilização de infantes, o que tornou a mobilidade necessária para a execução de tal estratégia deficiente (BRIZZI, 2003: 81).

Porém, Amílcar Barca pôde inovar, a partir de seus estudos com o comandante espartano Xantipo, alterando as movimentações feitas pela infantaria, retirando o caráter central da cavalaria (muito embora esta tenha continuado desempenhando papel importante), sem destruir o princípio de execução sistemático da estratégia 'inventada' por Filipe da Macedônia.

Apesar de Amílcar ter organizado uma estratégia eficaz e inovadora, foi seu filho, assim como no caso de Filipe, que a colocou a prova de forma ampla. Com pequenas alterações, Aníbal Barca se transformou em um dos maiores gênios da estratégia militar conhecida. A batalha de Zama, embora signifique a derrota do cartaginês para o romano Cipião, é capaz de exemplificar com perfeição que é plausível pensar a tradição militar ocidental clássica a partir do estudo acerca das diversas adaptações da manobra envolvente.

Diante das legiões romanas, ainda divididas nas três fileiras dos hastati, pricepis e triarii (momento anterior à profissionalização do exército em 102 a.C.) e apoiadas pela cavalaria nômada, Aníbal pensou em executar o movimento que induzia o avanço das tropas inimigas, enquanto seu exército, dividido em três linhas (sendo a tropa de elite situada na última linha), ampliava a linha de frente em quase três vezes por meio de um movimento regressivo para a

esquerda e para direita. Com a linha de frente quase triplicada, ao inimigo restava apenas seguir em frente e tentar furar a barreira que estava a sua frente, uma tropa de elite descansada e apoiada nos flancos pelas duas primeiras linhas de combate. Deste modo, o envolvimento era dado pelas laterais, enquanto a cavalaria, voltando de uma provável vitória sobre a cavalaria inimiga, atacava a retaguarda, anulando qualquer tentativa de fuga.

Aníbal, apesar das dificuldades com o contingente, foi teoricamente genial. O ponto problemático simplesmente se refere ao fato de que Cipião havia estudado as estratégias utilizadas pelo cartaginês e aprendido com elas (isto significa o mesmo que "aprendido com a tradição militar ocidental"). Cipião percebeu a disposição natural da legião romana para a execução de uma manobra que fosse capaz de frustrar os planos de Aníbal, na medida em que 'imitava' os movimentos das tropas inimigas, só que ao inverso. Ao invés de envolver por regressão, Cipião procurou não ser envolvido por progressão, triplicando a linha de frente romana por meio do avanço da segunda e terceira linha das legiões para a esquerda e direita, respectivamente.

Com isso, fez frente 'exata' ao exército cartaginês e, apostando na superioridade bélica individual do legionário frente aos mercenários e outros soldados recrutados por Aníbal, foi capaz de envolver sistematicamente, levando em frente o movimento de progressão. Com relação à cavalaria aliada romana, após vencerem os cavaleiros os quais Aníbal havia sabiamente ordenado bater em retirada para o mais longe possível da batalha quando do primeiro contato com a cavalaria romana, voltaram a cena a tempo de assassinar a tropa de elite cartaginesa pela retaguarda desprotegida. Desse modo, Aníbal perdeu batalha de Zama e mostrou, por meio de sua derrota, que a tradição militar ocidental clássica só pôde ser derrotada quando ela mesma se tornou sua própria inimiga (como já atentou Victor Davis Hanson).

A filosofia (com a possibilidade de sistematização do pensamento por meio de desenvolvimento de estruturas lógicas), a preferência pelo choque frontal, fruto de uma atitude estratégica que pode ser caracterizada como direta e que implica em uma busca por batalhas decisivas (que podem ser também entendidas quase

sempre como campais), juntamente com outros fatores, fazem com que só possamos compreender a tradição militar ocidental clássica em algo que lhe é específico, como por exemplo, as diversas elaborações da manobra envolvente como expressão de um determinado modo bélico, ou seja, o "modelo ocidental de guerra".

Referências

APIANO. Historia Romana (I). Madrid, Gredos, 1995.

ARRIAN. The campaigns of Alexander. Tradução de Aubrey de Sélincourt. London: Penguin, 1971.

_____. Anábasis de Alejandro Magno (Livros I-III). Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid, Gredos, 1982.

BRIZZI, Giovanni. O guerreiro: o soldado e o legionário. São Paulo, Madras, 2003.

FERRILL, Arther. The origins of war: from the Stone Age to Alexander the Great. Westview Press, Colorado, 1997.

_____. A Queda do Império Romano: a explicação militar. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

HANSON, Victor Davis. Por que o Ocidente venceu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. The western way of war: infantry battle in classical Greece. London, University of California Press, 1989.

WARRY, JOHN. Alexander 334 - 323 BC: Conquest of the Persian Empire. Oxford, Osprey campaigns series v. 7, 1991.

WHITE, Hayden. Meta-História. São Paulo: Editora da USP, 1995.